

TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL

O tapiri

Barboza Leite
IBGE/CEDIT/DEDIL

Independente dos tipos de extração do látex, onde exerça sua atividade, o seringueiro tem uma tarefa que culmina o seu dia de trabalho: é a defumação do líquido recolhido, que não pode ser adiada, já tendo sido difícil a sua colheita, sob todas as formas, pelas “estradas” imersas na selva pujante e cheia de iminentes perigos.

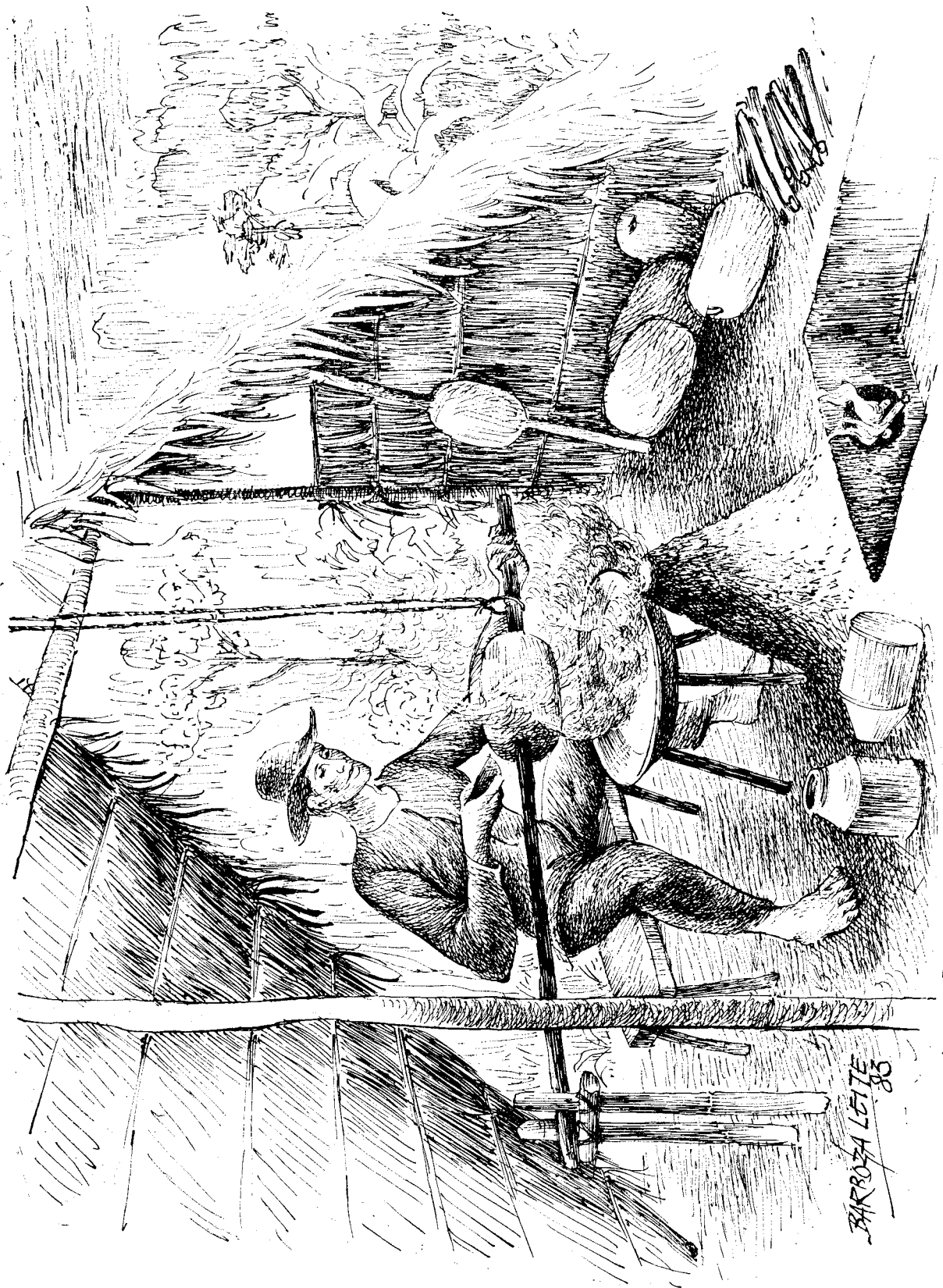
Para a defumação do látex, poucos são os instrumentos utilizados pelo seringueiro; porém é-lhe indispensável uma pequena barraca feita com alguns esteios e sem paredes, coberta parcialmente com palmas recolhidas nas adjacências: o tapiri, herança nativa e de igual denominação.

Em constante locomoção, à medida que as “estradas” se esgotam e forçam o afastamento das margens dos rios para locais de acesso sempre mais difícil, o tapiri é construído num trecho plano de terreno. Depois de cavado um pequeno fosso no assoalho de chão batido, sobre o mesmo é instalada uma chaminé, de argila, por onde a fumaça, ao se expandir, coagula o

látex encontrado numa péla (bola) em formação.

Transferido dos galões onde fora acumulado durante uma incursão diária pela “estrada”, o látex é despejado numa bacia, da qual o seringueiro retira com uma coité, pequenas quantidades que lança, continuamente, sobre um eixo em rotação constante formando, assim, a péla. É uma tarefa manual, rudimentar, cuja duração chega ao climax quando a péla atinge volume e peso convenientes. Não tem o seringueiro como interromper esse trabalho até enquanto não aproveitar todo o látex recolhido.

As “bilas”, “bolas” ou “pélas” vão se acumulando em torno do tapiri, uma construção sumária, mas indispensável na atividade do seringueiro. Nele começa a transformação da *hevea brasiliensis* em produto industrial pronto para encaminhamento às fábricas. Tapiri, um monumento perdido no coração da selva inóspita, marcando a odisséia de anônimos obreiros de nossa terra.



BARROSA LEITE
83